

A descoberta e a utilização da escrita abriu uma nova Era. Ampliou prodigiosamente a memória do Homem. E, mais do que isso, objectivando e fixando os pensamentos, permitiu que a reflexão, segura e demoradamente, consolidasse e aprofundasse a consciência própria e criticamente construísse teorias.

É só no Livro que a escrita pode atingir as suas mais perfeitas e extensas elaborações. É nele que a Inteligência melhor pode iluminar.

Repetindo o lugar-comum tão verdadeiro, diremos, uma vez mais, que uma Biblioteca é um tesouro que os bárbaros podem ignorar ou destruir, mas não podem nem roubar nem degradar.

Creemos bem que a Era Tecnológica agora iniciada, com a gama ainda não esgotada dos meios electrónicos que faculta, deu à inteligência humana insuspeitadas possibilidades. Já alguns fanáticos anunciam mesmo o advento do "cibernantropos".

A memória dos computadores excede-nos vertiginosamente, quer no armazenar das informações, quer na rapidez e precisão de recordar. Os cálculos matemáticos e lógicos, e as organizações por eles possibilitadas, são instantâneos e infalíveis. A imagem electrónica permite experiências até há pouco inimagináveis. (Pena que a sua publicitação, dificilmente controlável, possa destruir a intimidade e a privacidade, onde, e só onde, as personalidades em formação conseguem amadurecer e atingir o plano ético.)

Será pois que o Livro e a Biblioteca têm os dias contados, e esta deve ceder o lugar a Centros Informáticos que possibilitam a afloração tópica de uma rede universal de bases de dados?

O que já dissemos nos legitima na conclusão pela negativa. Só o livro permite, por força da sua imutável essência, por ser uma longa e articulada escrita, a reflexão crítica e especulativa sem a qual a cultura morre e os homens se degradam.

Por sobre os meios audio-visuais, que não devem ignorar nem desprezar, as Bibliotecas oferecerão sempre, nos seus livros, o alimento superior do Espírito.

*Eduardo Abranches de Soveral*